



DIALOGISMO E IDEOLOGIA NO GÊNERO TESTEMUNHO

¹ **Derli Machado de Oliveira**

² **Daisy Mara Moreira de Oliveira**

Eixo Temático 12: Estudos da linguagem

RESUMO

A teoria dos gêneros, que até a metade do século XX foi compreendida como objeto essencial da Literatura, ganhou uma nova abordagem graças a Mikhail Bakhtin que deixou de ver o gênero somente pelo viés artístico-literário e passou a classificá-lo como “tipos particulares de enunciados que se diferenciam dos outros tipos de enunciados, com os quais têm em comum a natureza *verbal* (linguística)” (BAKHTIN, 2000, p. 280, destaque do autor). Segundo o filósofo da linguagem, “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 277). Nosso objetivo nessa pesquisa é mostrar as formas e funções da representação do discurso no gênero testemunho e o entrelaçamento entre gênero, representação do discurso e ideologia.

Palavras-Chave: Gênero, Dialogismo, Ideologia

ABSTRACT

The theory of genres, that up to half of the twentieth century was understood as essential object of Literature, has a new approach thanks to Mikhail Bakhtin who failed to see the gender bias only by the artistic and literary and began to classify it as "particular types statements that differ from other types of statements, with which they have in common nature verbal (linguistic)" (Bakhtin, 2000, p. 280, emphasis added). According to the philosopher of language, "each level of language use develops its relatively stable types of utterances" (Bakhtin, 2000, p. 277). Our goal in this research is to show the forms and functions of discourse representation in the genre blending of testimony and gender, discourse representation and ideology.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista CAPES do programa de Doutorado em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: derli_machado@hotmail.com

² Mestre em Antropologia, Pedagoga, Psicopedagoga e Especialista em LIBRAS. Integrante do Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (UFS); E-mail: dayseoliveira01@hotmail.com

Keywords: Gender, Dialogism, Ideology

Introdução

A teoria dos gêneros, que até a metade do século XX foi compreendida como objeto essencial da Literatura, ganhou uma nova abordagem graças a Mikhail Bakhtin. Esse teórico russo deixou de ver o gênero somente pelo viés artístico-literário e passou a classificá-lo como “tipos particulares de enunciados que se diferenciam dos outros tipos de enunciados, com os quais têm em comum a natureza *verbal* (lingüística)” (BAKHTIN, 2000, p. 280, destaque do autor). Segundo o filósofo da linguagem, o uso da língua “efetua-se em formas de enunciados” e está intimamente vinculado às demais atividades humanas, sendo, portanto variável. A estas diferentes formas de incidência dos enunciados, o autor denomina gêneros do discurso, já que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 277).

Consciente da posição de destaque dos gêneros nos estudos linguísticos, o pesquisador registra:

O estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros de enunciados nas diferentes esferas da atividade humana tem importância capital para todas as áreas da lingüística e da filologia (BAKHTIN, 2000, p.282).

Bakhtin destaca ainda o caráter sócio-histórico para a definição dos gêneros do discurso, afirmando que cada esfera da atividade humana “comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera de desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Tomando-se como exemplo o campo discursivo religioso neopentecostal³, observa-se que este domínio social apresenta uma série de gêneros que lhe são característicos: sermão, oração, hino, cântico, salmos e ofícios como o batismo, casamento, funeral, dentre outros.

³ As igrejas evangélicas costumam ser divididas em protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista etc.), em pentecostais (Congregação Cristã do Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor etc.) e neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, etc.). (MARIANO, 1999).

Entre essa enorme variável de gêneros discursivos presentes na prática discursiva religiosa, um que nos desperta muito a atenção, quer por sua veiculação constante nos suportes midiáticos, quer pelas suas implicações ideológicas, é o gênero testemunho, que em um período anterior se limitava aos púlpitos dentro dos templos, hoje conta com os grandes suportes tecnológicos da comunicação de massa, fazendo surgir na mídia novos formatos e novas regras para o discurso religioso.

Neste momento de efervescência do uso dos testemunhos, eles servem como objeto de propaganda na divulgação de ideologias agregadas aos novos movimentos religiosos. Nesta nova concepção, a religiosidade passa a ser um importante elemento de auto-ajuda e solução para os problemas cotidianos. E o testemunho dos fiéis, sobre as graças obtidas, acaba funcionando como importante veículo de “conversão” do outro e fortalecimento dos que já são membros da igreja.

Em busca de mais veracidade e dramaticidade, é cada vez mais comum, sobretudo nos jornais das igrejas neopentecostais, os chamados “testemunhos”. São seções, com destaque gráfico no desenho da página, na quais os depoimentos dos fiéis sobre uma graça alcançada são reproduzidos com a interferência do jornalista.

Delimitamos o campo da pesquisa à Igreja Universal do Reino de Deus. Dado o seu crescimento institucional e sua visibilidade econômica, social e política, o fenômeno da IURD é um tema de investigação de relevância social, na medida em que esse discurso alcança hoje milhões de pessoas no Brasil e no exterior, onde também atua. Utiliza para isto um complexo de meios de comunicação de massa, o que lhe proporciona uma capacidade imensa de atingir ideologicamente a população.

Foi utilizado em nosso *corpus* de análise textos da seção *Superação*, veiculada no jornal Folha Universal, editado pela Igreja Universal do Reino de Deus há mais de 15 anos. Em meio a notícias sobre esportes, TV e outras de caráter geral, encontramos no Caderno Folha IURD a seção *Superação* destinada aos testemunhos de fiéis que afirmam haver prosperado em consequência da sua fé.

Nosso objetivo é mostrar as formas e funções da representação do discurso no gênero em questão e o entrelaçamento entre gênero, representação do discurso e ideologia.

1. Gênero: um produto social heterogêneo, dialógico e polifônico

Mikhail Bakhtin foi um dos primeiros teóricos a conceber o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008), o

filósofo russo postula a divisão das obras literárias em dois grandes grupos: as de caráter monológico e as de caráter dialógico. Mais tarde, ampliando-se os horizontes, esses postulados ultrapassaram o contexto da arte literária e passaram a ser utilizados na referência a outros textos produzidos cotidianamente nos diversos eventos de interação social

Nas palavras de Maingueneau (2001, p. 55): “O discurso só adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, lugar no qual ele deve traçar seu caminho”. Dessa forma, “cada gênero de discurso tem a sua maneira de tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas [...]” (MAINGUENEAU, 2001, p. 55-56).

Bazerman (2006) afirma que os gêneros nunca surgem num grau zero, mas num veio histórico, cultural e interativo dentro de instituições e atividades preexistentes.

O conceito de gênero do discurso é usado recorrentemente nos trabalhos em Análise Crítica do Discurso. Fairclough (2008) postula que um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos. Cada gênero, portanto, ocorre em determinado contexto e envolve diferentes agentes que o produzem e consomem. Dessa forma, identifica-se o gênero discursivo como uma ponte entre o discurso e a sociedade.

2. A representação do discurso (discurso relatado): dialogismo no gênero testemunho religioso em mídia impressa

O princípio da heterogeneidade, proposto pela AD de linha francesa, baseado nos princípios bakhtinianos de dialogia, é concebido em dois tipos: a heterogeneidade constitutiva e a mostrada. Esta última pode ser marcada, quando se circunscreve explicitamente, por meio de marcas linguísticas, a presença do outro (discurso direto, discurso indireto, negação, aspas, metadiscurso do enunciador), e não marcada, quando o outro está inscrito no discurso de forma implícita (MAINGUENEAU, 1997). Maingueneau (1997, p. 85) destaca os discursos direto (DD) e indireto (DI) como “as manifestações mais clássicas da heterogeneidade enunciativa”.

Fairclough (2008, p. 153) utiliza a expressão “representação do discurso”, em vez do “discurso relatado”. Para ele “a representação do discurso” capta melhor a ideia de que, quando se relata o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez do outro, sobretudo porque aquilo que está representado não é somente a fala ou a escrita em

suas orientações gramaticais, mas tem relevância a organização discursiva acompanhada de aspectos do evento discursivo. O autor afirma:

A representação do discurso é uma forma de intertextualidade na qual partes de outros textos são incorporadas a um texto e explicitamente marcadas como tal, com recursos, como aspas e orações relatadas (por exemplo, “ela disse” ou “Maria afirmou”) (FAIRCLOUGH, 2008, p. 139-140).

A representação do discurso é parte importante em vários tipos de discurso, com destaque para o jornalismo. Pelo seu papel de reportar os fatos, as reportagens jornalísticas são textos polifônicos por natureza. Ao repórter, cabe ouvir vários personagens, para depois dar-lhes voz em seu texto. Na construção desse texto, ele opta entre deixar seus entrevistados falarem na forma do discurso direto ou indireto, ou da modalização em discurso segundo.

O mesmo autor chama a atenção para a importância da representação do discurso, “não só como um elemento da linguagem de textos, mas também como uma dimensão da prática social” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 140).

Enquanto o discurso direto supostamente restitui as palavras do outro, o discurso indireto restitui o sentido do que foi dito. Esse recurso visa, também, garantir a credibilidade do texto informativo, no entanto vale ressaltar que o sentido restituído é sempre mediado pela interpretação do citante (jornalista).

No DI tem-se apenas uma situação de comunicação - a do citante (o jornalista responsável pelo que diz). O jornalista enuncia através de sua voz a voz do outro sem compromisso com a forma do texto original. De acordo com Fairclough (2008, p. 141), no DI “as vozes do (a) relator (a) e do (a) relatado (a) são menos claramente demarcadas, e as palavras usadas para representar o discurso [...] podem ser as do (a) relator (a) e não as do (a) relatado (a)”.

Portanto, no DD, o narrador procura apresentar as palavras do outro, simulando uma reprodução fiel de todas as suas particularidades. Ao DD está associada uma suposta fidelidade, uma vez que é encenada a reprodução exata do discurso citado. O DD é um artifício que garante autenticidade ao que é relatado, dando credibilidade as informações que veicula.

Na visão de Bakhtin (1992), o discurso direto procura conservar a integridade e a autenticidade do discurso alheio, esforçando-se para delimitar esse discurso com fronteiras nítidas e estáveis.

Segundo Ducrot (1987, p.187), “o estilo direto implica fazer falar um outro, atribuir-lhe a responsabilidade das falas, isto não implica que sua verdade tenha uma correspondência literal termo a termo”. Corroborando com a tese de Ducrot, Maingueneau (1997, p. 85) vê no discurso direto

uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta. [...] ele não é nem mais nem menos fiel que o discurso indireto, são duas estratégias diferentes empregadas para relatar uma enunciação.

Portanto, a visão de que o discurso direto não é uma representação fiel do discurso citado é unânime entre os pesquisadores.

Neste trabalho analisamos os modos característicos da representação do discurso (discurso relatado) da publicação seção *Superação* do Jornal *Folha Universal* da IURD. Estudamos o discurso direto e indireto como mecanismos polifônicos utilizados pelos jornalistas para realizarem o assentamento escrito dos depoimentos orais. Ao tratar da heterogeneidade (intertextualidade) mostrada, observa-se que a delegação de voz é recorrente no gênero *testemunho religioso em mídia impressa*.

3. Apresentação e análise do *corpus*

Foram utilizados em nosso *corpus* de análise dois textos da seção *Superação*, veiculado no jornal *Folha Universal*, editado pela Igreja Universal do Reino de Deus há mais de 15 anos. Em meio a notícias sobre esportes, TV e outras de caráter geral, encontramos no caderno *Folha IURD* a seção *Superação* destinada aos testemunhos de fiéis. O texto selecionado tem a seguinte configuração: trata-se de texto composto por modalidade verbal e visual. As partes fixas de composição textual desse gênero, temos:

- Título da seção: *Superação* – Localizado no centro superior, escrito em letras capitais.

- Subtítulo: “Aconteceu comigo” – Localizado abaixo do título, da à seção um caráter de testemunho pessoal

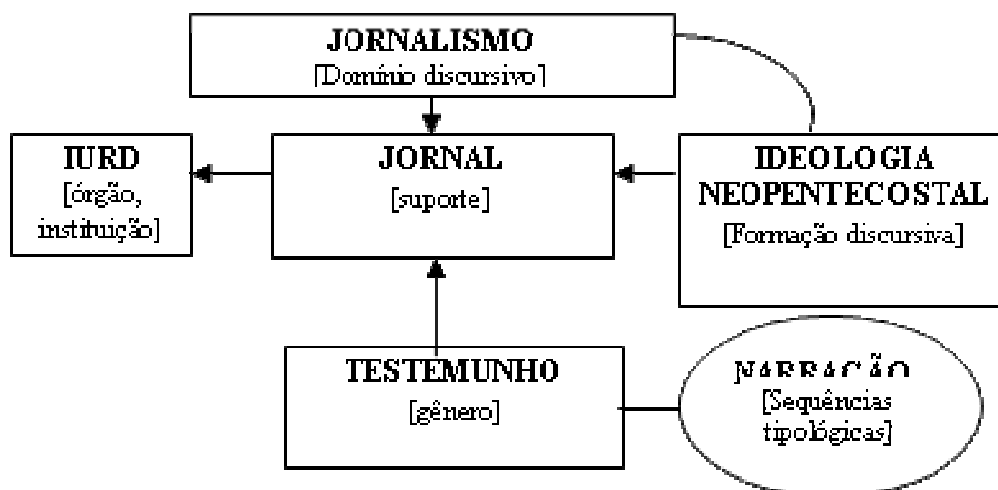
- Abaixo do subtítulo, em caixa de texto colorida, uma indicação daquilo que o leitor irá encontrar acima de tudo em toda a seção e em todas as semanas (a intenção é fomentar a curiosidade do leitor.)

“TODA SEMANA VOCÊ VAI ACOMPANHAR, AQUI, HISTÓRIAS EMOCIONANTES E DRAMÁTICAS DE QUEM ENFRENTOU E VENCEU DESAFIOS”.

- Manchetes das matérias: em letras capitais e de caráter atrativo: ex. Ex-sacoleira virou empresária (edição 830 de 2/03/2008); “Passei fome, mas hoje sou empresária” (edição 827 de 10/02/2008).

Recursos semióticos da publicidade como a apresentação de fotos legendadas (carros, casas, empresas etc.) ocupam uma grande parte da seção. Alternando discurso direto e indireto, o “testemunho-anúncio” se apresenta estruturado como texto narrativo – estão ligados por uma relação cronológica e lógica; há uma transformação entre uma situação ou estado inicial e a situação ou o estado final.

O nosso *corpus*, formado de “testemunhos religiosos”, sofre interferência das novas tecnologias, especificamente as ligadas à área da comunicação de massa, assumindo contornos bastante característicos, já que o suporte influencia nos gêneros. O gráfico a seguir dá uma idéia melhor disto:



Nos textos em análise nesta pesquisa, a estrutura enunciativa de relato coloca em uma mesma cena duas enunciações – a dos testemunhantes e a dos jornalistas (representantes da instituição IURD). A maneira como a representação do discurso funciona nos testemunhos opera de maneira bastante específica com os recursos linguísticos, utilizando o discurso direto

– com aspas delimitando o dizer do testemunhante e que indica claramente as fronteiras entre o discurso citado e o citante – e o discurso indireto – apresentado sob a forma de uma oração subordinada substantiva introduzida por um verbo de fala (disse que... afirmou que... reconhece que...).

Há um discurso citante, com introdução, aspas, ou verbo de ilocução. É como se o entrevistado estivesse contando sua experiência diretamente ao leitor, tendo o jornalista como intermediário.

Antes de analisarmos essas estruturas constituídas de marcas de fonte enunciativa, vejamos aquilo que chamamos de estrutura narrativa. Classificamos como estrutura narrativa fragmentos que apresentam características textuais semelhantes às de uma narração literária: têm personagens (testemunhantes), narrador (jornalista), uma sequência de fatos (o que faziam/como viviam e como vivem agora / os testemunhantes) e verbos na terceira pessoa.

O gênero “testemunho em mídia impressa” que figura na seção *Superação* tem seu tema voltado para o relato de uma experiência pessoal de um fiel. Observando a chamada da seção feita pelo jornal é possível observar esse tom monológico. A chamada “*Aconteceu comigo*” dá à seção um caráter de testemunho pessoal, levando os leitores a deduzirem que a voz posta em destaque é a do autor. Nessa forma particular de produção, o testemunhante assume perante o leitor total responsabilidade pelo seu dizer. No entanto, esse relato pessoal não é feito pelo autor diretamente ao leitor. O testemunho é contado em terceira pessoa, ou seja, passa antes por uma edição. Há um discurso citante, com introdução, aspas, ou verbo de ilocução. É como se o entrevistado estivesse contando sua experiência diretamente ao leitor, tendo o jornalista como intermediário. O excerto da edição 831 de 09 de março de 2008 ilustra esse tipo de estrutura:

Madrugada. Costa da Caparica. Praia da Saúde. Almada. Portugal. Fátima da Cruz Carvalho, hoje com 47 anos, conta que caminhava pelas dunas quando parou para lembrar das recomendações que lhe foram ditas por um bruxo: “Não olhes para trás!”. Ela não resistiu e se virou. “Levei uma bofetada tão grande que fiquei com uma enorme mancha negra no meu rosto”, emociona-se ao recordar.

Desse modo, encontramos o jornal desempenhando o papel mediador entre testemunhante e leitor. Não é possível determinar até que ponto a edição interfere na configuração final do texto, mas é possível inferir que o “testemunho” é o resultado de uma complexa cadeia dialógica, da qual possivelmente o gênero entrevista seja a fase inicial. Supomos que os jornalistas responsáveis pela seção façam uma entrevista com os testemunhantes para tomarem o seu depoimento, antes de publicá-los no jornal.

Uma das questões, de certo modo a principal que se colocou quando nos deparamos com a estrutura de representação do discurso da seção *Superação*, é que essa passagem do oral para o escrito contribui para o caráter polifônico do “testemunhal”, pois é responsável por uma série de interferências dos jornalistas na elaboração do formato “escrito” do testemunho.

Como enfatizamos anteriormente, o texto jornalístico caracteriza-se por ser, em sua essência, polifônico. Os enunciadores presentes na narrativa jornalística da seção *Superação* se agrupam em duas categorias: (i) Jornalista – aquele que faz a narração do fato a ser reportado. (ii) Testemunhantes – atores dos fatos reportados que se pronunciam. Logo, o testemunho publicado na seção *Superação* se constitui como o produto de um processo dialógico do qual participam vários enunciadores.

Vejam, então, como se apresentam as formas da representação do discurso da seção *Superação* do *Jornal Folha Universal*. Seguem-se alguns exemplos. Marcamos em negrito o relato que o jornalista faz usando o DI. O direto foi feito por meio de marcação aspeada.

“Mesmo debilitada, decidi usar a fé participando da Fogueira Santa de Israel, pois vi ali a oportunidade de mudar de vida. Fui curada do câncer e, recuperada, voltei a trabalhar, representando uma grande seguradora que me deu toda estrutura para montar minha corretora”, **conta Marli, destacando que hoje tem três vezes mais clientes do que antes e que está feliz e próspera ao lado dos filhos.** (edição 842, 25/05/2008)

“Convivíamos com uma verdadeira guerra urbana. Para chegar à nossa casa, passávamos ao lado de cadáveres e de gente vendendo drogas. Em outras vezes, não podíamos subir o morro, pois os bandidos ou a polícia proibiam a circulação dos moradores”, **lembra Jamily, ressaltando que, apesar das dificuldades, nunca desanimou.** (edição 833, 22/03/2008)

Observa-se uma alternância de foco narrativo ora na fonte (voz da testemunha), ora na instância mediadora (voz da instituição IURD), traduzindo a polifonia presente na elaboração dos depoimentos.

Na maioria dos textos, o primeiro período dos depoimentos é colocado em estilo indireto e narrativo, a partir do segundo, passa-se, imediatamente e de modo uniforme para o estilo direto. Depois segue alternando os estatutos das vozes, ora utilizando discurso direto, ora discurso indireto, identificando com clareza as fontes enunciativas. Trazemos exemplificações:

Devia mais de R\$ 4 milhões

Foi com uma dívida de mais de R\$ 4 milhões e 600 cheques sem fundos, que Alciminio Ferreira Nunes, de 66 anos, casado, chegou à Igreja Universal do Reino de Deus [01]. Apesar de trabalhar até 36 horas seguidas em suas empresas no ramo de mineração, os prejuízos só aumentavam [02]. “Eu buscava a prosperidade somente com meu esforço, mas nada mudava aquela situação de fracasso”, lembra [03]. Até que tentou vender a empresa para outra pessoa, mas a negociação não foi finalizada por não receber o valor proposto [04]. “Foi mais uma tentativa frustrada, pois nesse período a dívida disparou ainda mais”, lembra Alciminio [05].

Havia 186 títulos protestados e materiais estocados, no valor de R\$ 460 mil, que não estavam gerando nenhum lucro [06]. O salário dos funcionários e o pagamento dos fornecedores (companhias telefônica e de luz) estavam em atraso há cinco meses [07].

Decisão definitiva

Através da programação da Igreja Universal na televisão, Alciminio decidiu visitar um templo da IURD em Belo Horizonte [08]. Ali, segundo ele, tomou conhecimento do Deus que pode todas as coisas [09]. E, apesar de ainda estar vivendo aquela situação adversa, decidiu participar da Fogueira Santa de Israel, campanha realizada pela IURD com o objetivo de reverter o quadro de sofrimento em que vivem muitas pessoas [10]. “Usei a fé participando da Fogueira Santa. Algum tempo depois, reduzi a dívida junto aos credores. Em seguida, investi nas minhas empresas que fornecem material de mineração para vários estados”, declara o empresário [11]. Alciminio possui ainda caminhões, tratores e retroescavadeiras, além de fazendas, sítios, casas de campo, automóveis e cabeças de gado. “Hoje sou feliz e tenho a minha família abençoada. O que mais me importa é fazer a vontade de Deus”, conclui o empresário [12]. (edição 845, 22 de junho 2008)

O uso do estilo indireto nesses depoimentos mostra uma estratégia dos jornalistas para iniciar os textos. Os períodos iniciais (em [01] e [02], por exemplo) dos textos trazem, na maioria dos casos, uma identificação (nome) ou qualificação (profissão) dos declarantes.

Observa-se, no exemplo acima, que o jornalista opta pelo DD no 3º período: “Eu buscava a prosperidade somente com meu esforço, mas nada mudava aquela situação de fracasso”. Além de autenticar a veracidade das informações, a utilização do estilo direto no início do texto funciona também como recurso para identificar a testemunha e delegar a responsabilidade do dito a ela. A estrutura sintática desse e de outros períodos ([05], [11] e [12]), com a consignação feita em discurso direto, devido às marcas de primeira pessoa (pronomes pessoais e verbos conjugados), acentua-se a impressão de que o relato foi somente construído pela testemunha, sem as intervenções do jornalista.

Pudemos observar, a partir da análise apresentada, que o DD é bastante utilizado na Seção *Superação*. A hipótese é que o jornal teria necessidade de usar essa estratégia para garantir legitimidade às suas notícias, assegurar a veracidade daquilo que relata. No contexto da seção *Superação*, tem-se o efeito de “quem o diz é um fiel”, o que, em princípio, conferiria maior “confiabilidade” ao relatado na reportagem.

Nos exemplos a seguir, a voz do discurso reportado, citada logo no título, imprime maior consistência discursiva e efeitos de veracidade, fortalecendo a construção da competência do narrador:

[Título]: “Eu venci o câncer”
[Subtítulo] Corretora de seguros é curada de doença grave e consegue sucesso profissional. (Edição 842 25/05/2008, p. 2i).

[Título]: “Eu venci a pobreza”
[subtítulo] Empresária dá a volta por cima depois de conviver com a falta de dinheiro. (Edição 843 - 01/06/2008, p. 2i).

Apesar da ocorrência de discurso direto ser relativamente alta, a predominância dos relatos é em estilo indireto, o que nos leva a considerar que, em pontos estratégicos do texto, a voz da institucional sobrepõe-se a voz da testemunha. Embora use o DD para dar veracidade às palavras, o estatuto do DI funciona como recurso discursivo e social sobre o papel da IURD. Assim, o discurso direto é utilizado, nos depoimentos, apenas como um simulacro de fidelidade e de objetividade. Já o discurso indireto deixa em especial evidência a adaptação da fala alheia às necessidades do locutor, pois essa forma de retomada deixa de lado os traços expressivos da voz original, valorizando o conteúdo que quer veicular.

4. Considerações finais

Observamos, neste trabalho, que o modo de relatar característico da Seção *Superação* se dá por meio de estratégias discursivas cujo efeito promove um apagamento ou uma dissimulação intencional da voz do jornal no texto, no qual os jornalistas responsáveis pela coluna ajustam o discurso da IURD à voz da testemunha. Resulta que os testemunhos, em geral, falam da pessoa, mas a todo o momento remetem à IURD. Ou seja, o discurso da IURD está presente na fala do fiel.

Assim, mesmo dando voz a testemunha, objetivo alvo do testemunho, o modo que o faz conduz a um discurso uníssono ou monofônico, pois todas as vozes presentes no texto (aparentemente polifônicas), são vozes que conjugam para um mesmo objetivo: destacar a voz iurdiana. Verificou-se que, a cada vez que a voz da testemunha é trazida para o texto, o discurso (ideologia) da instituição IURD é reforçado.

Quanto ao entrelaçamento entre gênero, representação do discurso e ideologia, Fairclough (2008) sinaliza a existência estreita entre eles quando aponta que a ideologia é constituída por significações, formas de ver o mundo, manifestadas no texto.

As publicações analisadas comprovam a tese de que o testemunho dos fiéis publicado no jornal *Folha Universal* é um importante meio de divulgação da ideologia da Igreja Universal e é utilizado como um importante meio de conquista e convencimento dos leitores.

Constatamos, nesta pesquisa, que todos os testemunhos fazem referência à Teologia da Prosperidade, principal ideologia da IURD. Há uma ideologia central nos testemunhos. O leitor é persuadido a crer que somente na Igreja Universal existe um Deus verdadeiro, e assim é levado a ingressar na instituição onde espera também ter todos os seus problemas solucionados.

A análise dos testemunhos publicados na seção Superação revela dados importantes. Vimos que, aparece uma tendência de apresentar mercadorias, os produtos da IURD, suas correntes e propósitos, especialmente para os desiludidos. O que interessa não é propriamente as transformações ocorridas na vida do testemunhante, senão o local onde ele experimentou tais transformações: a IURD, que retira as pessoas do “inferno” astral e material. Principalmente esse último.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6^o ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- _____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP, Pontes, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- _____. **Gêneros Textuais: o que são e como se classificam**. Recife. Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- _____. (2003). **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Disponível em: <<http://www.bbs.metalink.com.br>> Acesso em: 30 de Nov. de 2008.
- MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: LOYOLA, 1999.

Outras fontes

JORNAL FOLHA UNIVERSAL, São Paulo, edições: 831 – 09/03/2008; 833 - 22/03/2008; 842 - 25/05/2008; 843 - 01/06/2008; 845 - 22/06/2008.